

APRESENTAÇÃO

Vivemos momento de muitas angústias e dúvidas em relação ao futuro, e em meio a polêmicas e hipóteses ora catastróficas, ora esperançosas, a solidariedade se fortalece em variadas dimensões da vida social. A criança como sujeito singular sofre intervenções que retiram direitos como o da proximidade e convívio com o núcleo familiar e o da escola como espaço de sociabilidade experienciada em diálogos, brincadeiras, peraltices, refúgios, correrias e descobertas. É pensando nessa criança que mantém expectativa em relação ao que podemos, como professores, oferecer de nossa cultura de forma a preservar sua curiosidade, interesse e capacidade de inovação em mundo de profundas transformações seja nas relações humanas, como na economia, tecnologia, política e filosofia, o que nos moveu à concretização deste Dossiê.

Como professores, nos vinculamos às crianças de uma maneira diferente daquela relacionada à força do vínculo biológico e sociocultural familiar, mas, mesmo assim, importante para a continuidade e a mudança. A experiência da e na vida, nos traz hábitos aos quais nos apegamos, mas nem por isto eles deixam de estar em processo de se tornarem obsoletos, o que nos distanciará do passado e repercutirá sobre nossos anseios, esperanças, portanto sobre nossas projeções para o futuro. É nesse contexto que, como mediadores do processo de inserção e formação das crianças em nossa cultura, temos a responsabilidade de propiciar espaço para que elas elaborem suas utopias e tenham autonomia para transformações criativas. Será pelo e no acesso às concepções, acontecimentos e tradições da cultura, trazido pelo processo educativo e sociocultural que terão este protagonismo.

Nessa perspectiva, a Área de Didática dos Anos Iniciais do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina, que tem por objetivo a formação de professores nas diversas áreas do conhecimento, compôs este Dossiê com estudos gerados por autores que têm como objeto o ensino e a aprendizagem nos Anos Iniciais, como uma via para dar visibilidade a demandas que pertencem a este nível de ensino. É a mediação no processo de formação em perspectiva da inter-relação entre criança e professor, que articulações e reflexões são discutidas, visando a experiências do conhecimento e a ações intencionais que promovam o educando ao reconhecimento dos problemas e de possíveis soluções em contexto sociocultural.

Para tal, foi este Dossiê composto por cinco artigos produzidos no contexto de pesquisas que acontecem em quatro (4) universidades brasileiras: Universidade Federal do

Paraná (UFPR); Universidade Federal do ABC de Santo André (UFABC); Universidade Estadual Paulista (UNESP); Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ) e uma (1) de Portugal que é a Universidade do Minho (Braga). As cinco áreas do conhecimento que fazem parte do cotidiano de sala de aula (Língua Portuguesa, História, Matemática, Geografia e Ciências) foram contempladas tendo como objetivo a compreensão do contexto, a interpretação e a argumentação, assim como, dar visibilidade às dimensões das experiências de vida e de conhecimento que palpitam no interior das escolas e repercutem no processo de formação da criança.

Acreditando que nossos leitores terão acesso a diferentes vozes, olhares e reflexões que ampliarão a compreensão sobre as peculiaridades e especificidades dos Anos Iniciais, iniciamos este “Dossiê: Ensino e aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental” com Stela Miller que no artigo “A aprendizagem da leitura e da escrita de enunciados discursivos como um processo humanizador” traz pressupostos da Teoria Histórico-Cultural para discussões sobre o processo da leitura com compreensão responsiva para a escrita aliada a meios de pensar, planejar e organizar o ensino e a aprendizagem da língua materna. É narrativa que nos aproxima à trajetória histórica da linguagem e da linguagem escrita e nos subsidia sobre a compreensão responsiva pela criança e o papel da escola no processo de formação da subjetividade, da consciência e da personalidade.

Na continuidade as autoras Anabela Costa e Glória Solé, mantendo o entendimento de que a criança se constitui em meio a contingenciamento histórico e cultural, simbólico e discursivo, no artigo intitulado “A compreensão do tempo histórico: um estudo com alunos portugueses de 6º ano sobre os conceitos de cronologia e mudança” discutem o conceito de tempo histórico, a partir de narrativas e ordenação de acontecimentos por 23 alunos da faixa etária entre 10 e 12 anos do 6º ano do Ensino Básico (corresponde ao 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no Brasil). Discutindo os conceitos de História, aprendizagem histórica e o conceito de tempo histórico em sua objetividade e subjetividade, categorizam os níveis de pensamento infantil, constatando que a cronologia não se sobrepõe à compreensão das mudanças, sendo a abordagem interdisciplinar a que terá maior eficácia no processo de construção da noção de tempo.

A trajetória da Geografia como ciência e disciplina escolar embasam a opção pela análise da repercussão do Ensino de Geografia para a formação da cidadania, pelas autoras Alana Rigo Deon e Helena Copetti Callai no artigo “O Ensino de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”. Discutindo o processo de significação na formação humana, em abordagem na qual a contextualização e a inter-relação espaço-temporal são

relacionadas aos conceitos do local e do global em ‘escala de análise’ que tem o ‘lugar’ como conceito e conteúdo que o diferencia e o liga ao mundo. Em abordagem que visa a superação do ‘círculo concêntrico’ e da linearidade na alfabetização geográfica, propõem condução metodológica que a partir do lugar-cidade e por meio de inter-relações possibilitam a análise e a interpretação do local e global. Para as autoras é na percepção da constituição e transformação do social, cultural e de fenômenos físicos que as narrativas adquirem sentido para a autonomia de pensamento e capacidade de sustentação de atitudes para a cidadania.

Na sequência, José Maria Soares Rodrigues e Maria Tereza Carneiro Soares no artigo “O acaso, a incerteza e a difícil ruptura com o determinismo na matemática escolar dos anos iniciais”, problematizam o ‘raciocínio determinístico’ apontando limites de abordagens que buscam ‘um resultado’. Em estudo bibliográfico, analisam documentos acadêmicos e curriculares (Minas Gerais (1995), Santa Catarina (1997) e São Paulo (1986), PCN (1997) e BNCC (2017), provocando reflexões para a desestabilização da manutenção da abordagem determinística na interpretação matemática, tanto na prática pedagógica nos Anos Iniciais quanto na formação de professores. É a presença da zona de confluência da Probabilidade e Estatística com a Combinatória, desde o início da escolaridade, o que possibilitará o acaso e a incerteza em raciocínios matemáticos, contribuindo para o conhecimento científico em sua complexidade.

O estudo sobre a composição dos ambientes escolares, sua oferta e seus usos para o ensino e aprendizagem apresentado no artigo “O uso de diferentes espaços escolares nas aulas de Ciências da Natureza” demonstra que a compreensão que se tem sobre as organizações espaciais, as finalidades de seu uso e das mudanças que ocorrem em sua manipulação pelo e no meio social, assim como a ação que se exerce sobre eles, decorre das representações que as pessoas formam, e que terá no processo ensino – aprendizagem, mais um fator que irá repercutir sobre tais opções.

As autoras Kely Cristina Bueno e Fernanda Franzolin, nos apresentam ambientes escolares em sua composição e utilização para o ensino e aprendizagem das Ciências da Natureza, excluindo a sala de aula, em nove (9) escolas e por meio de questionário para 33 professores de diferentes regiões (nordeste e sudoeste) e com diferentes resultados no IDEB. Os Laboratórios de Informática e Biblioteca Escolar ou Sala de Leitura aparecem como ambiente escolar em 49,5 das escolas que têm frequência de uso variada. A ausência do Laboratório de Ciências em 28 das 33 unidades estudadas e seu escasso uso aliado ao distanciamento dos professores de estudos em espaços como jardim, horta e bosque para o ensino das Ciências da Natureza chama atenção pela variabilidade de

fatores, demandando investigações sobre a desvalorização da disciplina e a formação de professores, em meio à potencialidade pedagógica da interdisciplinaridade no Ensino e Aprendizagem das Ciências da Natureza.

Assim, ao final, esperamos que as discussões que compõem este Dossiê tenham dialogado com as diferentes realidades e possibilitado novas questões, ao termos por objetivo apresentar narrativas que em suas argumentações trazem aberturas para outras que fortaleçam este nível de ensino como campo de pesquisa, potencializando avanços para a superação de conceitos normalizados e naturalizados sobre o ensino e a aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Magda Madalena Tuma

 <https://orcid.org/0000-0003-0805-839X>

